

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ISADORA GUERRA SERRA NETTO

LITERATURA, POLÍTICA E SOCIEDADE:
UM MUNDO DE *CACAU*, LETRAS E TENSÃO SOCIAL NA OBRA DE JORGE
AMADO (1933)

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Bacharelado em História

São Paulo
2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ISADORA GUERRA SERRA NETTO

Literatura, política e sociedade:

um mundo de *Cacau*, letras e tensão social na obra de Jorge Amado (1933)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP como pré-requisito para a obtenção do Título de Bacharel em História

Orientador: Alberto L. Schneider

São Paulo
2020

À minha avó Ivone, ao meu avô Guerrinha e à minha Rosinha, donos das memórias mais doces da minha infância. Que o meu esforço, neste trabalho, em retornar à Bahia, nos aproxime, onde quer que estejam.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Dora, nascida nas terras do cacau, e meu grande exemplo de amor e luta. Nada faria sentido sem você, mãe.

Ao meu pai, Luis, meu eterno mestre e porto seguro. Obrigada por sempre estar ao meu lado.

Ao meu irmão, Luca, companheiro de vida e de profissão, que me dá força pra seguir caminhando.

À minha avó Vera e ao meu avô Eduardo, pelo apoio permanente e amor incondicional.

A todas as minhas professoras e professores, companheiros de ofício, aos quais devo uma escolha de vida.

Ao professor Alberto Schneider, por todo o incentivo, apoio e parceria, durante a graduação e todo o percurso deste trabalho.

Aos meus amigos, pedras fundamentais da minha caminhada, que tanto me ensinam a ser. Sem vocês, nada disso seria possível.

Ao meu amor, por todos os dias, noites e madrugadas que passamos compartilhando a escolha de estar juntos. Obrigada por tanto.

Aos meus camaradas, por todo o apoio, confiança e paciência. Pelo incansável esforço em construir a luta por um mundo novo e pela certeza que me dão de que nada é impossível de mudar.

A todas e todos que participaram, direta ou indiretamente, desses quatro anos de graduação e tornaram a conclusão desse trabalho possível.

Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito
como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar.

(B. Brecht)

LITERATURA, POLÍTICA E SOCIEDADE: UM MUNDO DE *CACAU*, LETRAS E TENSÃO SOCIAL NA OBRA DE JORGE AMADO (1933)

ISADORA GUERRA SERRA NETTO¹

RESUMO

O presente artigo pretende analisar as condições que levaram à elaboração de *Cacau*, romance escrito por Jorge Amado, e publicado em 1933, no Rio de Janeiro. As décadas de 20 e 30 no Brasil, marcaram, no campo artístico-cultural, um movimento de engajamento político e social cada vez maior, principalmente diante do cenário nacional de grande desgaste da Velha República e crescente movimentação política das demais esferas da sociedade. Da mesma forma, o contexto global, estremecido a partir do triunfo da Revolução de Outubro, em meio aos escombros da crise do liberalismo, também reflete na produção literária global, que assiste ao fenômeno do realismo soviético, reproduzido mundialmente. No Brasil, o jovem escritor baiano, de 19 anos, que há pouco tempo ingressara nas fileiras da Juventude Comunista, opta pela elaboração de um *romance proletário brasileiro*, voltando-se ao cenário de sua infância, nas fazendas do Sul da Bahia, agora com um olhar engajado e fielmente comprometido com a representação da realidade de trabalho no *mundo do cacau*. Jorge Amado tornar-se-ia, a partir do lançamento de *Cacau*, além de uma grande figura política e memorável militante comunista, um dos maiores escritores da língua portuguesa.

Palavras-chave: História e Literatura, Jorge Amado, romance-proletário, anos 30, cacau.

¹ Graduanda do curso de História Bacharelado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ SP. serranettoisadora@gmail.com. RA: 00194761.

LITERATURE, POLITICS AND SOCIETY: A WORLD OF CACAU, LETTERS AND SOCIAL TENSION IN THE WORK OF JORGE AMADO (1933)

ISADORA GUERRA SERRA NETTO

ABSTRACT

This article intends to analyze the conditions that led to the elaboration of *Cacau*, a novel written by Jorge Amado, and published in 1933, in Rio de Janeiro. The decades of the 20s and 30s in Brazil, marked the artistic-cultural field, with an increasing political and social engagement movement, mainly in view of the national scene of great wear and tear of the Brazilian *Old Republic* and the growing political movement of the other spheres of society. Likewise, the global context, shaken from the triumph of the Russian Revolution and the crisis of liberalism, also reflects on the global literary production, which witnesses the phenomenon of Soviet realism, reproduced worldwide. In Brazil, a 19-year-old writer from Bahia, who had recently joined the ranks of the Brazilian Communist Youth, decides for the elaboration of a *Brazilian proletarian novel*, going back to the scene of his childhood, on the farms in the south of Bahia, but now, with an engaged look and faithfully committed to representing the reality of work in the *world of cocoa*. Jorge Amado would become, from the release of *Cacau*, in addition to a great political figure and memorable communist activist, one of the greatest writers of the Portuguese language.

Key-words: History and Literature, Jorge Amado, proletarian novel, 1930s, cocoa.

INTRODUÇÃO

Pensar a respeito de Jorge Amado (1912–2001) é dispor de uma multiplicidade de interpretações e associações possíveis, seja por conta das polêmicas temáticas de suas obras ou por sua pujante militância política. Entretanto, parte-se, em geral, da certeza de se tratar de um grande autor. A trajetória que configura essa dimensão à vida e à obra do romancista compreende a repercussão da totalidade de sua obra literária em território nacional, mas também no mundo. Traduzido em 49 línguas e em mais de 40 países², Amado atuou enquanto exportador não só da literatura e da cultura brasileira, mas de uma figuração específica do Brasil. Ainda que a totalidade de sua obra tenha repercutido para muito além das fronteiras brasileiras, o jovem escritor, que, em 1933, lança *Cacau*, volta-se, essencialmente, ao próprio cenário nacional e regional, na mesma medida em que dialoga com o contexto mundial, a partir da tentativa de elaborar um romance proletário *brasileiro*.

A conjuntura global do início do século XX é profundamente marcada pela eclosão da Primeira Guerra Mundial. Como produto histórico de um processo moderno de fortalecimento dos Estados Nacionais burgueses, o debate acerca da nacionalidade ganha relevância ainda maior no fim do século anterior. A necessidade de construir um imaginário nacional que sustentasse os processos forçados de unificação política dos Estados foi uma das preocupações que permearam a virada do século³. No Brasil, não seria diferente. O anseio, principalmente por parte da elite intelectual brasileira, de "redescobrir" o país⁴, movimentou diferentes esferas da sociedade e suscitou debates que extrapolaram a vida intelectual, chegando, enfim, ao campo da literatura. Nesse sentido, é notável a crescente relevância do campo cultural brasileiro como trincheira para a disputa e intervenção na realidade, em um contexto de polarização política que se colocava no país e no mundo. Cada vez mais, cruzavam-se os caminhos entre intelectuais e escritores da época, que marcaram, nas artes - e especialmente através das letras - as nuances de um Brasil politicamente efervescente.

Nasci para a literatura e o romance com uma geração de coração aberto e generoso. (...) Minha geração, esses romancistas do ano trinta, chegava a vida e para a criação novelística com o peito oprimido sob a angústia do Brasil e do homem brasileiro, em busca de caminhos para solução dos

2 Dados da *Fundação Casa de Jorge Amado*. [Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/>. Acesso em: 11 set. 2020.]; GOLDSTEIN 2003, p.25.

3 Eric Hobsbawm dedica-se ao tema da formação e consolidação dos Estados Nacionais no período moderno, especialmente na obra *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* (1990).

4 "A elite intelectual da época apresentava, então, como preocupação fundamental o conhecimento da realidade brasileira, a busca do 'Brasil real'.". (ROSSI, 2009, p. 39).

nossos problemas. Variados foram os caminhos surgidos, mas o ponto de partida era o mesmo: o amor ao Brasil e a seu povo, a necessidade de solidarizar-se com o homem e o seu drama fosse o drama inferior de sua solidão.⁵

Nesse cenário, Jorge Amado consagrou-se não somente enquanto um dos grandes autores de sua geração, mas também como figura política notável, preocupado com as questões de seu tempo. De origem simples, sua família enriquece através do cultivo do cacau, até que seu pai torna-se "coronel"⁶. Assim, vive a infância imerso no *mundo do cacau*, experiência que escolheu retratar, posteriormente, em seus primeiros romances. Desde muito jovem envolvido no mundo das letras, começa a trabalhar cedo, escrevendo em alguns periódicos na Bahia. Com 15 anos, ingressa na *Academia dos Rebeldes*, movimento de escritores baianos, críticos ao modernismo de 22. Mais tarde, quando vai ao Rio de Janeiro para cursar a faculdade, continua a trilhar os caminhos que o levariam à carreira oficial de escritor, já poucos anos depois, com a publicação de seu primeiro romance, *O País do Carnaval*, em 1931.

O período entre a primeira e a segunda publicação oficial de Amado é marcado por mudanças em sua vida pessoal que influenciam os rumos de sua carreira, principalmente, no que diz respeito à concepção de um projeto literário. A ruptura com a editora e com o movimento responsável pelo lançamento do primeiro livro, se dá, principalmente, por uma nova disposição de expressar, em seus novos escritos, os ideais políticos que se formavam a partir de sua recente aproximação ao movimento comunista. O entusiasmo do jovem autor pela escrita dos romances seguintes, acompanhou, portanto, um momento de intenso envolvimento com a atividade política, estimulando o contato com debates patentes do país na década de 30 – especialmente a questão racial e, posteriormente, a luta de classes no Brasil.

Fascinado pela leitura de autores russos⁷ – que escreviam em plena consolidação da URSS – e cada vez mais engajado nas lutas políticas da esquerda, Jorge ingressa nas fileiras do PCB em 1933, mesmo ano em que publica oficialmente seu segundo romance, *Cacau*. A mudança drástica na forma e no conteúdo do segundo romance reflete os novos rumos da vida

5 Discurso de posse de Jorge Amado na Academia Brasileira de Letras, proferido em 17 de julho de 1961. [Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/jorge-amado/discurso-de-posse>. Acesso em: 25 set. 2020]

6 "O risco de ocupar a própria terra não intimidou João. Contava que entrou na mata como um desesperado, no afã de derrubá-la, semear e colher cacau, salvo-se das epidemias, emboscadas e confusões políticas. O patrimônio erguido fora suficiente para ser chamado de coronel - título que, não sendo de uso exclusivo da caserna, se baseava na prosperidade." (AGUIAR, 2018, p. 12).

7 Entre suas principais referências, estavam autores como Alexandre Fadeiév, Fiódor Gladcos e Alexandr Serafimovitch (AGUIAR, 2018, p. 67).

do autor, mas marca também o início de um período no qual é possível reconhecer um alinhamento maior entre seu projeto político e seu fazer literário. Durante suas cinco publicações seguintes, que caracterizam o *ciclo do cacau* da literatura amadiana (ALMEIDA, 1979, p. 143), ficará cada vez mais explícito o uso que o autor faz da literatura como instrumento político de intervenção na realidade. Já no Rio de Janeiro, comprometido em fazer uma literatura que pudesse retratar a realidade de modo íntegro, Jorge volta-se ao sul da Bahia, onde nasceu e cresceu o *menino grapiúna*⁸, sendo esse o universo a ser retratado em suas obras seguintes.

Já de início, expõe em nota prévia⁹ seu compromisso ao retratar a realidade dos trabalhadores das fazendas do sul da Bahia, diretamente a partir de sua experiência pessoal, ou seja, da realidade. A preocupação com o regionalismo e o anseio em denunciar as mazelas da sociedade de classes baiana levam o autor à elaboração do que pretendia ser um romance proletário brasileiro. Dessa forma, além da intenção de expor e condenar a estrutura de classe da sociedade coronelista baiana, o autor pretende apresentar uma solução para a miséria do capitalismo: a luta organizada dos trabalhadores. Entretanto, o questionamento que coloca ao final da mesma nota revela uma contradição já apontada pelo autor, no que diz respeito ao fazer literário de modo documental: "*Será um romance proletário?*". Ao questionar-se a esse respeito, revela a incerteza de cumprir com sua missão, já que, embora sua motivação fosse retratar a realidade, sabia que a literatura jamais seria capaz de fazê-lo de maneira íntegra. Dessa forma, estabelece-se a linha tênue que irá acompanhá-lo durante todo o percurso da obra, dividindo o caráter de *romance* e *documento* (ROSSI, 2009, p. 35).

História e Literatura: *Cacau* enquanto fonte e documento histórico

A decisão de trabalhar com *Cacau* (1933) enquanto fonte histórica do presente trabalho, parte, antes de tudo, da compreensão da literatura como produção material da sociedade e, portanto, necessariamente submetida a um processo histórico que a constitui. Ainda que seja despossuída de desenvolvimento autônomo (LUKÁCS 1968, p. 9-11), não se trata de mero reflexo passivo das condições materiais, mas parte constituinte da dinâmica de relações que a produz. Nesse sentido, o estudo histórico da literatura, tipo especial e

⁸ Alusão ao título do livro de memórias, *O Menino Grapiúna*, publicado por Jorge Amado em 1981.

⁹ "Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário?" (AMADO, 1975, p. 101).

indispensável de prática cultural (WILLIAMS, 1979, p. 144), deve coincidir com o esforço de compreender o complexo de relações sociais que permitem sua produção, sob uma perspectiva de que a cultura "acentua a capacidade humana não apenas de entender, mas também de construir uma ordem social humana" (WILLIAMS, 1979, p. 22). A literatura é, compreendida, em sua condição dialética, como "reflexo e reflexão do real" (BOSI, 2002).

(...) a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. [CANDIDO, 2006, p. 20]

Ao trabalhar com o romance *Cacau* procura-se analisar a obra e as circunstâncias históricas que a produziram, mas também a forma com que ele incidiu na realidade, sob a perspectiva, a qual retoma o próprio autor, de que "(...) a literatura brasileira continua produzindo nossa identidade" (GOLDSTEIN, 2003, p. 25). Escrito aos seus 19 anos, o livro é somente o segundo título oficialmente publicado pelo escritor. Ainda assim, a obra revela um Jorge Amado já engajado com as questões de seu tempo, cheio de disposição para tornar-se um grande narrador das histórias vivas. Através de uma narrativa simples em sua linguagem, mas complexa em seu propósito, a obra constitui-se enquanto representação do mundo, mas também, como forma de interferir nesse mesmo mundo.

É certo que o autor em questão, consagrado como intérprete e formador de opinião sobre o Brasil, e o conjunto de sua obra, são objeto de amplo estudo e reflexão acadêmica. Ainda que o intuito do presente trabalho não seja propriamente analisar a totalidade de sua obra literária ou de sua trajetória biográfica, é importante notar a relevância do conjunto de produções que trabalha com as temáticas da obra literária amadiana e da figura do autor e militante comunista. É também deste acúmulo de elaborações e estudos, dialogando com uma noção multifacetada da própria obra – seja em suas dimensões políticas, linguísticas, estilísticas etc. –, que se produz uma figura de fato memorável, que não foi somente mais um escritor, ou apenas mais um político.

Pensar a respeito do jovem autor é, portanto, dialogar diretamente com o conjunto de produções acadêmicas que revela a dimensão e aprofunda a análise que permite a leitura dos demais romances. O pertinente esforço de historicizar a produção literária amadiana perpassa, ainda, por lembrar que se parte do presente para pensar o passado, operando uma série de percepções que dialogam com as condições da elaboração da própria análise. Nesse sentido, o presente artigo pretende analisar o Jorge Amado da década de 30 também à luz de elaborações

centradas na análise da totalidade de sua obra. Dessa forma, é possível pensar na publicação de *Cacau*, como um ponto de referência em sua carreira, evidência de um momento de aproximação com o que se conhece de Jorge Amado até então e o que se entende enquanto o grande autor e militante comunista, eternizado nas décadas seguintes.

Jorge Amado e seu mundo

O jovem escritor baiano, estudante da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, não sonharia que seus dois romances seguintes¹⁰ pudessem estar circulando pelas livrarias de Moscou, a capital da União Soviética, tão cedo. Para sua surpresa, ainda em 1934, a revista soviética *Internatsionalnaia literatura*¹¹ anunciava ao público russo o lançamento do escritor brasileiro¹². O cenário global do início do século XX, estremecido com o embate surpreendente entre uma nova potência mundial socialista e o poder hegemônico do capitalismo europeu – e, cada vez mais, norte-americano –, contribuiu para o acirramento das disputas políticas no Brasil. O campo das artes, com isso, foi condicionado por essa polarização ideológica, de modo a incorporar, em suas manifestações, as nuances de um país politicamente efervescente. Da mesma forma, o incipiente campo da literatura brasileira mostrou-se especialmente engajado nos debates políticos que movimentaram o Brasil e o mundo no início do século. Nesse período, Jorge Amado despontou enquanto escritor de sua geração, sendo lido especialmente pelo público de esquerda.

Natural no sul da Bahia, onde o ouro nascia nos pés de cacau¹³, quando vai ao Rio de Janeiro, é justamente este *mundo do cacau* do sul baiano, marcado pelo suor do trabalho de uns e pela exploração e dominação de outros, que observou em sua infância e juventude, que escolhe retratar, com o "mínimo de literatura para o máximo de honestidade" em seu segundo romance publicado, *Cacau* (1933). Romance esse, que, embora tratado pelo próprio autor como um mero *caderno de aprendiz*¹⁴, foi responsável por torná-lo o primeiro escritor da literatura brasileira a ser traduzido e publicado em russo – tornando-se mais tarde, um dos romancistas brasileiros mais famosos, dentro e fora do país.

10 *O País do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933) e *Suor* (1934).

11 (...) no ano de 1934 a revista soviética *Internatsionalnaia literatura* (Literatura Internacional) publicou um pequeno artigo que informou aos seus leitores sobre a publicação no Brasil dos romances de Jorge Amado, *Cacau* e *Suor*." (BELIAKOVA, 2014).

12 A obra foi de fato traduzida para o russo em 1937 (DUARTE, 1996, p. 62).

13 “ (...) esse ouro que nasce nas terras de Ilhéus, da árvore do cacau” (AMADO, 2000, p. 18).

14 “[Cacau e Suor] são dois cadernos de aprendiz de romancista.” (RAILLARD, 1990, p. 57).

O retrato que pintou o jovem Jorge Amado do sul baiano, com fortes pinceladas de um realismo nordestino, expressas em suas escolhas linguísticas, que remontavam ao caráter essencialmente popular e *brasileiro* da obra, "oferece a Bahia para o Brasil e o Brasil para o exterior" (GOLDSTEIN, 2003, p. 25), consagrando-o não só como um dos mais famosos e traduzidos escritores brasileiros, mas, especialmente, como intérprete e formador de opinião sobre o país. Através da escolha da temática do cacau, o autor dialogou, de sua própria maneira, com o mundo de seu tempo, traduzindo em seus romances, eternizados na memória popular, não só um ideal de nação, mas um sentimento de indignação e um profundo desejo de mudança. Cabe, portanto, situar as origens e condições iniciais que levaram Jorge Amado a ingressar na vida literária e, enfim, assumir a temática do cacau sob uma perspectiva engajada, a partir da publicação da obra.

Do chão de cacau à boemia literária: os primeiros anos na Bahia (1920-1930)

A história de Jorge Amado começa em um cenário tal qual o de seus romances: uma fazenda de cacau – notadamente, a *Fazenda Auricídia*, propriedade de seu pai, o coronel João Amado¹⁵. Em 1912, no ano em que nasceu, no município de Ferradas, sua família já havia se estabelecido nas terras cacauzeiras. Ainda assim, João e Eulália eram, na verdade, fugitivos da seca, de origem humilde. A prosperidade trazida pelo cultivo do cacau, foi o fator que motivou a migração massiva de trabalhadores nordestinos ao sul da Bahia, ainda no fim do século anterior. Essa riqueza, entretanto, provinha de uma estrutura econômica e social essencialmente arcaica, fundamentada na produção latifundiária e monocultora de cacau, sustentada politicamente pelo sistema de poder coronelista. A instabilidade da vida próspera do coronel provou-se logo nos primeiros anos após o nascimento de Jorge, ainda em tempo de grandes lutas pela posse da terra *grapiúna*, quando sua família perde todas as terras e é obrigada a voltar para a cidade.

A luta pela posse das matas, terra de ninguém, se alastrava nas tocaias, nas trincas políticas, nos encontros de jagunços no sul do Estado da Bahia; negociavam-se animais, armas e a vida humana. Em busca do Eldorado, onde o dinheiro era cama de gato, chegava a mão-de-obra, vinda do alto sertão das secas ou de Sergipe da pobreza e da falta de trabalho — os “alugados”, os bons de foice e enxada e os bons de pontaria. Pagos numa tabela alta, os jagunços de tiro certo tinham regalias. As cruces demarcavam os caminhos do alardeado progresso da região, os cadáveres estrumavam os cacauais. [AMADO, 1982, p. 8]

15 "Desbravador de terras, meu pai erguera sua casa mais além de Ferradas, povoado do jovem município de Itabuna, plantara cacau, a riqueza do mundo. Na época das grandes lutas." (AMADO, 1982, p. 8).

Durante os anos que se seguiram, a cidade que viu e viveu o *menino grapiúna*, foi uma Ilhéus efervescente, principalmente diante do crescimento significativo da população - que só não fora maior que o da produção de cacau, que crescia abundantemente (AGUIAR, 2018, p. 17). A quantidade enorme de pessoas que aportaram às terras do sul da Bahia decorre de um processo de larga expansão da produção latifundiária cacauceira e de alta do cacau no mercado internacional. Aos que chegavam, fugindo das condições apavorantes do sertão nordestino – ou simplesmente atraídos pelas histórias de terras férteis e dinheiro em abundância –, Ilhéus era a primeira ou a última esperança (COSTA, SOARES, 2016, p. 25). Entretanto, as origens de quem chegava pouco importavam. Tornavam-se, em sua grande maioria, *alugados* em alguma fazenda, submetendo-se, inevitavelmente, ao sistema de poder político do coronel, que sustentava a burguesia do cacau desde o início da República Velha.

Conforme a produção cacauceira foi se estabelecendo como uma lavoura economicamente organizada (FILHO, 1978, p. 83), a cidade de Ilhéus foi sofrendo, em sua paisagem, a expressão do alto lucro dos produtores. Na medida em que se tornava um centro urbano fundamental para o fluxo cacauceiro, surgia uma arquitetura luxuosa que impressionava a elite baiana – elite que buscava assemelhar-se cada vez mais aos símbolos europeus. Entretanto, o luxo da burguesia cacauceira, sustentada economicamente pela exploração do trabalho rural, vinha acompanhado de muita miséria e violência contra quem dependia do coronel para sobreviver.

Foi especialmente essa característica urbana, fruto da contradição entre capital-trabalho, que marcou a leitura do jovem Jorge Amado da cidade de Ilhéus, que, poucos anos depois, escolheu retratar como um dos ambientes de seus romances característicos do *ciclo do cacau*. Ainda que o cenário central do segundo romance, *Cacau*, tenha sido essencialmente rural, o espaço urbano assume, ainda, um papel fundamental na leitura amadiana da sociedade de classes baiana, na medida em que o autor julga, naquele momento, ser inviável a organização da luta política no campo. Mas o realismo com que escolheu retratar a cidade de Ilhéus – e a Bahia –, sem receio de trazer à luz a expressão das mazelas do capitalismo brasileiro na região cacauceira, não impediu que suas narrativas fossem marcadas por suas experiências pessoais, que expressavam um vínculo positivo com a região.

De volta à sua infância na Fazenda Auricídia, Jorge Amado foi alfabetizado por sua mãe, Eulália, com auxílio de recortes de notícias dos periódicos da região. Aos onze anos,

deixou a vida à beira-mar e a liberdade das ruas, entre a fazenda de seu pai e a cidade de Ilhéus, para morar em Salvador, onde estudaria em um colégio interno de padres jesuítas, durante os dois anos seguintes. Embora a rígida disciplina tenha transformado a experiência de Jorge no Colégio Antônio Vieira em uma "verdadeira prisão" – da qual, inclusive, fugiu nas férias de 1925¹⁶ –, foi a descoberta de autores como Charles Dickens, Jonathan Swift e Alexandre Dumas¹⁷ que fez com que Amado suportasse os dias no internato¹⁸. A sua formação como escritor se dá na medida em que se torna, também, leitor. A escrita que, na infância, restringia-se a uma simples brincadeira – como na elaboração de seu jornal *A Luneta* (ALMEIDA, 1979, p. 28; AGUIAR, 2018, p. 26), aos nove anos –, vai amadurecendo e tomando forma conforme passa a se entusiasmar com a literatura, a ponto de se tornar um "leitor insaciável de romances" (AGUIAR, 2018, p. 23).

A carreira de escritor juvenil prossegue à medida em que Jorge Amado assume seu primeiro emprego como escritor. Aos 14 anos, passa a trabalhar em um jornal, o *Diário da Bahia*, unicamente escrevendo reportagens policiais. Logo é promovido à redação, depois que o editor lê um de seus artigos, já tratando da região cacauzeira (RAILLARD, 1990, p. 32-33; TATI, 1961, p. 14; AGUIAR, 2018, p. 40). Foi, portanto, ainda na *Cidade da Bahia*¹⁹ que o jovem escritor introduziu-se no universo das letras e, a partir do primeiro trabalho como repórter iniciante, assumiu a escrita também enquanto instrumento de trabalho²⁰. Além disso, desde cedo envolveu-se nas rodas de intelectuais que discutiam as temáticas políticas presentes naquele momento. Frequentava, ainda aos 13 para 14 anos, as sessões do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que reunia a alta-roda intelectual baiana (AGUIAR, 2018, p. 25). As discussões acerca da eugenia, já em 1926, eram pauta central das reuniões, uma vez que as teorias racialistas seguiam em pleno vigor²¹. Seria apenas o início do interesse do jovem escritor acerca dos debates polêmicos que permearam as primeiras décadas do século

16 "(...) em 25, ao voltar das férias, como eu não conseguira de meus pais que me tirassem dali, fugi do colégio. Então parti sozinho, atravessei todo o sertão da Bahia até Sergipe, onde morava meu avô, o pai de meu pai." (RAILLARD, 1990, p. 31); AGUIAR, 2018, p. 24.

17 Além de autores como Almeida Garrett e Walter Scott. AGUIAR, 2018, p. 22; RAILLARD, 1990, p. 31

18 Há de se notar, entretanto, que a leitura desses autores não era estimulada, muito menos permitida no colégio. Jorge Amado teria, inclusive, ganhado a fama de *bolchevique* entre os jesuítas por conta de seu comportamento subversivo. (AGUIAR, 2018, p. 21-22).

19 "Os velhos baianos como eu ainda hoje dizemos *Cidade da Bahia*, ou, *Cidade de Salvador da Bahia de Todos os Santos*, de seu nome completo - a Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos". (RAILLARD, 1990, p. 31).

20 "E foi assim que eu me iniciei no jornalismo, por volta de 1926." (RAILLARD, 1990, p. 31); "Mas foi em 1926, aos quatorze anos, que comecei a trabalhar. E a viver muito intensamente a vida popular da Bahia." (RAILLARD, 1990, pg.32).

21 Sobre a abordagem da questão racial na obra de Jorge Amado, durante a década de 30, ver, especialmente, a obra *As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*, de Luiz Gustavo Freitas Rossi (2009).

XX. Encontraria – não muito tempo depois – na questão racial um de seus maiores focos de interesse temático e de luta política.

No início do ano seguinte, 1927, já com 15 anos, conquista o regime externo no colégio e passa a viver o cotidiano de Salvador de maneira ainda mais intensa. Principalmente através das redações dos jornais em que trabalhou, aproximou-se das rodas de intelectuais e mostrou-se cada vez mais interessado nos debates políticos e culturais que tomavam conta das praças e das mesas dos bares de Salvador, no fim da década de 1920. Durante os anos em que viveu no coração da *velha Bahia*, Jorge Amado observou a cidade e o povo baiano de maneira singular, debruçando-se sobre a tarefa apaixonada de representar a realidade – ainda que permeada por suas angústias e anseios – através de seu fazer literário.

Literariamente, esta época foi muito importante para mim, mas ainda mais do ponto de vista humano, pelo conhecimento do povo baiano que adquiri. Conheci sua vida, sua cultura. Para o meu trabalho de escritor, estes anos foram fundamentais. Minha intimidade com a vida do povo tomou forma nestes anos em que vivi muito livremente. (...) Foram os anos fundamentais para tudo que escrevi depois. *Ainda hoje as linhas mestras do meu trabalho literário repousam sobre estes anos da minha adolescência nas ruas da cidade da Bahia.* [RAILLARD, 1990, p. 39, grifo nosso]

No campo das artes, especialmente na Bahia, os últimos anos da década de 20 foram marcados pela acentuada reverberação do movimento modernista da Semana de 22 no Nordeste como um todo. Concebido em São Paulo, o movimento modernista sofria influência direta das correntes literárias europeias de vanguarda²², ainda que pretendesse pensar os símbolos nacionais brasileiros a partir de uma nova ótica valorativa (CANDIDO, 2006, p. 125-130). O surgimento do eixo literário de Recife, independente de São Paulo e Rio de Janeiro, veio acompanhado de uma onda de escritores que identificavam-se com uma corrente regionalista, duramente marcada por um espírito nordestino, fundamentado em uma noção essencialmente *renovadora*. Na região baiana – tanto em decorrência da corrente do modernismo paulista, quanto das ramificações e ressignificações regionais –, viveu-se um momento de notável efervescência no campo literário. Assim, observa-se o surgimento de vários grupos de jovens escritores, na Bahia da década de 20, que também pretendiam pensar a identidade nacional a partir de seu fazer literário.

A *Academia dos Rebeldes*, da qual Jorge Amado participou ativamente até o início dos anos 30, foi um dos grupos que surgiram em 1928 na Bahia no ensejo de inserir a sociedade e

22 "Formalmente, o modernismo no Brasil é uma transposição dos movimentos que surgiram na Europa depois da Primeira Guerra - cubismo, dadaísmo, surrealismo... Estes movimentos influenciaram os jovens paulistas da alta burguesia (...)." (RAILLARD, 1990, p. 5).

a literatura baiana na onda modernizadora, inaugurada pelos paulistas em 22. Fundada com o objetivo de varrer com toda a literatura do passado e iniciar uma nova era²³, é evidente que não estava imune ao espírito *renovador*, que já atravessava os debates culturais desde o início da década. Ainda assim, teve como seu diferencial, adverso à essência da primeira corrente modernista – e dos demais grupos literários baianos –, "um compromisso identitário para com os valores da cultura local e nacional, que repudiava a superficialidade do pitoresco, característico do olhar focado pelas lentes da Semana de Arte Moderna" (SEIXAS, 2004, p. 48). Assim, o projeto político-literário desenvolvido pelo grupo dos *Rebeldes*, resultado de embates internos constantes e empreendimentos literários distintos, tomava forma, conforme cada um de seus integrantes seguia a própria trajetória, Jorge Amado incluso.

O estado da Bahia, que atravessava um momento de declínio de seu prestígio econômico, já sofria, desde meados do século XIX, com sucessivas crises em sua economia agrário-exportadora. O enfraquecimento das oligarquias rurais que conduziam a política brasileira impulsionou ainda mais as ambições de jovens, como os membros da *Academia dos Rebeldes*, de poder atuar como possíveis "reformadores" da literatura local e até mesmo "regeneradores" de suas elites (ROSSI, 2007, p. 4). Especialmente influenciados pela Coluna Prestes, que deslocava-se por todo o interior do país, no intuito de reunir forças e mobilizar uma tentativa de deposição do governo oligárquico, os *Rebeldes* foram o único grupo literário da época que assumiu, de fato, uma atividade política de esquerda nos anos seguintes²⁴. Em 1930, também como desdobramento do movimento tenentista, que saía da última década ainda mais fortalecido, surge a Aliança Liberal, a coligação oposicionista que lançaria Getúlio Vargas para concorrer com Julio Prestes à presidência da república. No mesmo ano, é fundado *O Jornal*, órgão da imprensa baiana explicitamente alinhado à coalizão oposicionista, e especialmente escolhido pelos jovens da *Academia dos Rebeldes* como espaço para operar o projeto político-literário que idealizavam.

Não nos pretendíamos modernistas, mas sim modernos: lutávamos por uma literatura brasileira que, sendo brasileira, tivesse um caráter universal; uma literatura inserida no momento histórico em que vivíamos, e que se inspirava em nossa realidade, a fim de transformá-la. [RAILLARD, 1990, p. 36]

É também nas páginas d'*O Jornal*, que Jorge Amado publica seu primeiro romance,

23 "A Academia dos Rebeldes foi fundada na Bahia em 1928 com o objetivo de varrer com toda a literatura do passado — raríssimos os poetas e ficcionistas que se salvariam do expurgo — e iniciar a nova era." (AMADO, 2006, p. 111).

24 "De todos, fomos os únicos a começar, um pouco mais tarde, a ter uma atividade política de esquerda. - o que já se renunciava em nossas profissões de fé." (RAILLARD, 1990, p. 36).

coescrito por mais dois colegas de seu grupo literário. Escolheram chamar *Lenita*, a história que fora publicada em folhetim, no ano de 1930 – e especialmente dedicada a Mariá, sua noiva, que, pouco tempo depois, deixaria para ir estudar no Rio. A obra, duramente recebida pela crítica literária, causou estranhamento por parte do público, principalmente por tentar executar um modelo europeu de *romance de ideias*, uma vez que o grupo pretendia recusar a influência estrangeira (AGUIAR, 2018, p. 17). Após o insucesso de sua primeira publicação, ainda profundamente envolvido em sua *boemia literária* – motivo de grande preocupação de seu pai –, Jorge larga sua vida no coração da *velha Bahia* para morar no Rio de Janeiro, onde conclui o ensino secundário e finalmente ingressa na Faculdade de Direito.

Entre a literatura e a militância: a vida literária carioca e a publicação do livro de estreia (1930-1931)

A decisão do coronel João Amado de embarcar Jorge a bordo do *Itaberat*²⁵, rumo ao Rio de Janeiro, para assegurar-lhe sua formatura, teve grande impacto em sua carreira literária. O jovem de 18 anos foi calorosamente recebido na capital do país por seu primo Gilberto Amado, que, além de escritor renomado, cumpria também mandato de senador.²⁶ Não demorou nem uma semana até que Jorge estivesse devidamente empregado em dois jornais cariocas, *O Paiz* e *A Crítica*, além do cargo de professor de português que assumira em um colégio. Mais tarde, passaria a escrever também no *Diário de Notícias*, periódico ideologicamente alinhado à Aliança Liberal. Nos anos que se seguiram, Jorge aproveitou-se dos caminhos literários já traçados por seus familiares para adentrar os círculos literários que mostravam-se interessados em pensar política e literatura a partir da realidade.

Com seis vezes mais habitantes que a *Cidade da Bahia*, o Rio de Janeiro que encontrou Jorge Amado buscava assemelhar-se cada vez mais às capitais europeias, ainda que as condições reais permitissem justamente o contrário. As consequências da Grande Depressão norte-americana evidenciavam-se não só na dura realidade econômica que vivia o país naquele período, mas também no cenário político nacional, que assistiu a um momento de acirramento das ideologias de direita e esquerda. A esperada derrota eleitoral de Getúlio Vargas não impediu o fortalecimento do movimento militar oposicionista que, antes

25 Navio que faria a viagem Ilhéus-Rio de Janeiro (AGUIAR, 2018, p. 40).

26 Além de Gilberto, seu outro primo, Gilson Amado, também era escritor e envolvido no círculo de intelectuais cariocas da Faculdade de Direito. Seria através de Gilson, inclusive, que Jorge chegaria à editora que publicou, em 1931, a obra *O País do Carnaval* (ROSSI, 2009, p. 32-33).

aglomerado em torno da Aliança Liberal, garantiu o apoio da burguesia industrial dos grandes centros e mobilizou setores do Exército brasileiro, viabilizando o golpe de Estado que mais tarde chamar-se-ia de Revolução de 30.

Inaugurou-se, com a tomada do poder e o fim da República Velha, uma intensa década de mobilizações sociais e de efervescência política no país. Em consonância com o contexto global, duramente marcado pela crise do liberalismo na década anterior, o Brasil da década de 30 testemunha o fortalecimento, tanto à direita, dos movimentos fascistas, quanto, à esquerda, dos movimentos comunistas²⁷. O Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundado em 1922, atravessa, no início dos anos 30, um período de crescimento massivo, e desponta no cenário brasileiro como organismo político fundamental da classe operária, sendo capaz de aglomerar grande parte das forças de esquerda²⁸, incluindo grande parte dos intelectuais. No campo da literatura, observou-se uma preocupação ainda maior com a busca do "Brasil *real*", sob um olhar preocupado com os problemas do passado e do presente, mas agora, também atento às perspectivas de futuro. Assim, na década de 30 "a literatura e o pensamento se aparelham numa grande arrancada" (CANDIDO, 2006, p. 130).

Se os anos 20 foram o instante de descoberta dos elementos recalçados no processo de colonização, de pesquisa de nossa identidade cultural e do 'caráter nacional brasileiro' enfim, a década seguinte irá aprofundar estas questões, no sentido de aliar a redescoberta à transformação da realidade. [ALMEIDA, 1979, p. 39]

No mesmo ano da publicação de *O Quinze*, romance de Rachel de Queiroz que marca o início de uma forte onda regionalista, característica do que mais tarde chamou-se de *movimento de 30*, Jorge Amado escrevia, à mão, os últimos capítulos do manuscrito que publicaria no ano seguinte, *O País do Carnaval*. A década de 30 marcou, sob a perspectiva da produção literária brasileira, um momento em que começam a se formar as condições para a criação de novas editoras, engajadas com a publicação de autores que se propunham a pensar a respeito de temas nacionais. A crescente politização do campo intelectual e a emergente produção literária nacional permitiu que o romance se convertesse em "móvel importante da luta em torno da imposição de uma interpretação do mundo social a um público emergente" (ROSSI, 2009, p. 39). É nesse contexto, que surge a *Livraria e Editora Schmidt*, responsável pela publicação do primeiro romance de Jorge Amado, no Rio de Janeiro. A editora tornou-se

²⁷ "Mas o nacionalismo se impõe no Brasil com a Revolução de 30 e se afirma duplamente: de direita e de esquerda." (RAILLARD, 1990, p. 70).

²⁸ "Naquele tempo, a esquerda era o Partido Comunista - ou melhor, o comunismo com suas divisões, o trotskismo... -, não existia toda esta gama de esquerdas que temos hoje, em que o termo 'esquerda' tem significados muito variados e difíceis de caracterizar." (RAILLARD, 1990, p. 70).

logo um dos endereços tradicionais da vida literária carioca²⁹, sendo o local escolhido para formação da roda literária conhecida como Círculo Católico (AGUIAR, 2018, p. 46-48), composto também por estudantes da Faculdade de Direito, onde Jorge estudava. Por sorte do jovem autor, o único manuscrito datilografado de seu novo romance terminaria por chegar à gaveta da Editora Schmidt, de onde sairia para ser finalmente publicado em 1931.

Embora não tenha sido de grande apelo imediato ao público de leitores brasileiros, *O País do Carnaval* deu o que falar entre os círculos de críticos e intelectuais, garantindo que a primeira tiragem se esgotasse em pouco tempo. O título chamava atenção, de início, por indicar a centralidade da temática nacional, particularmente, a partir da ligação direta da imagem do país à sua maior festa popular. Através do olhar de um intelectual pequeno-burguês que retorna ao seu país após viver uma temporada no exterior, o autor constrói uma representação cética do Brasil, permeada pelas angústias existenciais do personagem principal. Após sete anos cursando Direito em Paris, Paul Rigger retorna à Bahia, determinado a reconectar-se com a alma de seu povo e a encontrar o *sentido da vida*. A narrativa, permeada por uma abundância de debates político-filosóficos e discursos acerca da imagem do povo e da nação, revela, através da visão alienada e pessimista do personagem principal, que "via o mal do país como a soma histórica de cobiça, luxúria e miscigenação" (AGUIAR, 2018, p. 50), um retrato polêmico da realidade brasileira.

A escolha em tratar da discussão do Brasil e do perfil de seu povo através de uma literatura quase em tom de paródia não exime o autor da aproximação com o movimento artístico-ideológico que propunha a reinterpretação dos símbolos nacionais, ainda que afirme, em nota prévia da primeira edição: "Não posso bater-me por uma causa. Eu ainda sou um que procura" (DUARTE, 1996, p. 47). Embora já houvesse, por parte do autor, uma motivação evidente em utilizar-se da literatura como espaço de discussão das questões candentes da realidade brasileira da época, nota-se que ainda há certo receio no que diz respeito à efetiva divulgação de um projeto político específico e, mais ainda, ao alinhamento explícito deste com sua prática literária. Ainda assim, conforme Jorge Amado amadurece suas escolhas políticas, torna-se cada vez mais evidente a escolha que assume de utilizar seus romances como instrumento de interpretação e intervenção na realidade.

O desejo de Paul Rigger de "sentir a alma do povo", apesar de insatisfeito

29 "Naquele momento, as edições Schmidt representavam o que havia de mais avançado no Brasil. Foram fundamentadas em 1930 pelo poeta Augusto Frederico Schmidt, um poeta da segunda geração modernista, um poeta católico, que se pôs a publicar a nova literatura que surgira depois da Revolução de 1930." (RAILLARD, 1990, p 50).

(sete anos de requintes de Paris o haviam alienado do espírito da pátria), corresponde a igual tendência do escritor, que, depois de enveredar pelo caminho que buscava, jamais se divorciará, na prática tão constante de sua literatura, das coisas e sentimentos da gente de sua terra, sempre ponto de partida e convergência de seus principais enredos. [TATI, 1961, p. 23-24]

O sucesso do livro de estreia fora responsável por assegurar-lhe uma posição de relevância diante do campo literário brasileiro, garantindo-lhe grande entusiasmo para a elaboração rápida de novos manuscritos. Ainda no ano de publicação de *O País do Carnaval*, o jovem escritor já previa a elaboração de pelo menos mais dois romances, que fariam parte de uma série que denominou *os romances da geração* (AGUIAR, 2018, p. 57). Com a publicação do primeiro livro, Jorge saía da condição de desconhecido para se tornar promessa no campo literário brasileiro, principalmente por ter sido lançado sob a expectativa tida pelo grupo responsável por sua publicação de ele se tornar um grande autor. A relação com Schmidt e a Editora, entretanto, não duraria muito mais tempo. Sentindo-se "o maior escritor do mundo", em poucos meses estava com mais um manuscrito pronto, dessa vez intitulado *Rui Barbosa n°2*, que nada mais era que uma "repetição de *O País do Carnaval*, mas onde já se viam as influências que eu recebia da esquerda e de uma literatura de esquerda que se começava a publicar" (RAILLARD, 1990, p. 47-48). Foi também por conta dessa aproximação do autor com a militância política de esquerda – e conseqüente desalinhamento com o projeto ideológico do movimento católico, ligado ao grupo de Schmidt – que Jorge Amado decidiu procurar uma nova editora para publicação dos romances seguintes.

O País do Carnaval, que eu escrevera em 1930, mas que fora publicado em 31, tivera sucesso. Uma primeira edição de mil exemplares estava esgotada - talvez eu mesmo tenha sido o melhor comprador! (...) Então escrevi esse segundo livro [*Rui Barbosa n°2*], mas tive o bom senso de não publicá-lo. Pois foi justamente no momento em que as influências de esquerda foram fortes para mim, em que me aproximei da Juventude Comunista e comecei a militar. [RAILLARD, 1990, p. 48]

Uma das razões para a grande quantidade de exemplares comprados pelo próprio escritor, foi justamente a enorme vontade de compartilhar sua produção com os demais autores que também tinham a intenção de produzir uma literatura verdadeiramente engajada. O entusiasmo do autor diante da frequente troca de correspondências entre os escritores da época foi responsável por conectá-lo a figuras como Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre e demais nomes que marcaram a *geração de 30*, através de uma produção comprometida com a necessidade de reinterpretação do país e com a representação da realidade nacional. Diante deste movimento de *ida ao povo* (CANDIDO, 2006, p. 131), que se manifestou no campo das

artes e, especialmente, das letras, Jorge Amado amadurece sua posição ideológica em um movimento equivalente de envolvimento político em seu incipiente projeto literário.

Minha geração, surgida na onda de um movimento popular e armado, tinha algo a dizer, de ardente realidade e esperança profunda. Nossos corações, apertados diante de nosso país e nosso povo despojados de suas riquezas, entregues aos apetites estrangeiros, humilhados em sua grandeza. (...) Pegamos das armas ainda imperfeitas e declaramos guerra contra tudo o que nos parecia representar este passado.³⁰

Ainda sob a maré montante da Revolução de Outubro (CANDIDO, 2006, p. 130), e por influência direta de Rachel de Queiroz – que se aproximara dos comunistas em uma de suas viagens ao Rio de Janeiro –, Jorge Amado ingressa, em 1932, nas fileiras da Juventude do PCB. No mesmo ano, é criada a *Ação Integralista Brasileira*, movimento político ultranacionalista, inspirado no movimento fascista de Mussolini, na Itália. Exercendo uma atividade completamente clandestina e ilegal, diante do tumulto do cenário político nacional, Jorge Amado torna-se uma das figuras de esquerda mais notáveis da Faculdade de Direito, ainda que a repressão do governo de Getúlio Vargas permanecesse crescente. Enquanto foi estudante, dedicou-se a fazer política e literatura ao mesmo tempo, e nesse período, aprofundou-se nas leituras de tudo que surgia de novo no mundo das letras. Aventurou-se nas leituras de autores *hispanohablantes* através das visitas à Livraria Espanhola, até finalmente chegar à literatura russa. Para além da leitura de clássicos, como as obras de Górkí³¹, o jovem encantou-se com a geração de escritores da primeira fase do romance soviético, principalmente as obras que difundiam o gênero do *romance proletário* e que se centravam na temática da luta dos trabalhadores e negros³².

Entre suas fervorosas leituras, passou a escrever, de maneira ainda mais frequente, sobre o universo político brasileiro e as questões estruturais à formação histórica nacional, especialmente a escravidão no Brasil, o processo de miscigenação e a condição do negro no país. A partir de seu empenho militante em revelar a verdade (DUARTE, 1996, p. 48), o jovem escritor encontrou no que interpretou como *romance proletário* (AGUIAR, 2018, p. 66-67) a forma de realizar essa tarefa. Assim, para além dos editais de jornais, Jorge Amado

30 Discurso de posse de Jorge Amado na Academia Brasileira de Letras, proferido em 17 de julho de 1961. [Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/jorge-amado/discurso-de-posse>. Acesso em: 25 set. 2020]

31 "o russo é autor de minha devoção, com ele aprendi a amar os vagabundos, devorei-lhe os contos, os romances, o teatro (...)." (AMADO, 2006, p. 296).

32 Dentre as influências soviéticas, notam-se Babel, Fedaiév, Ostrovski, Maiakovski, Petrov, Gladkov, Serafimovitch, Lebedenski, Vieressaief e Sholokov (RAILLARD, 1990, p. 99; AGUIAR, 2018, p. 67; TATI, 1961, p. 40).

optou por utilizar-se das páginas de seus romances também como espaço de manifestação e ação política. É nesse contexto, que surge *Cacau*, escrito durante as férias de 1932 em Ilhéus³³ e publicado no Rio de Janeiro em 1933. Ainda que o romance seja, nas palavras do autor, apenas um *caderno de aprendiz*³⁴, coloca-se como expressão de um escritor que, embora fosse *ainda* muito jovem, mostrava-se agora seguro de suas decisões, fossem elas literárias ou políticas.

***Cacau*: literatura como manifesto**

O período entre a primeira e a segunda publicação de Jorge Amado marca, portanto, uma mudança evidente nos rumos de sua produção literária. A escolha por uma nova editora para aprovar o manuscrito de *Rui Barbosa nº2*, desde o início, é evidência da condição, garantida a partir do sucesso de *O País do Carnaval*, de firmar-se diante de um projeto ideológico distinto do grupo que, em um primeiro momento, o impulsionara. Ainda que tenha sido lançado diante de uma perspectiva que pretendia associá-lo inevitavelmente ao projeto coletivo do grupo político ligado à Editora Schmidt, é justamente a partir de sua polêmica estreia no campo literário carioca que ele assume uma posição de maior autonomia diante da sua produção e do seu próprio projeto literário, principalmente em relação às posições distintas ao grupo dos católicos progressistas.

Cacau e Suor, que se seguem de muito perto - 1933, 1934 - significam meu encontro com a esquerda - é o momento em que me torno um militante da esquerda, e meu encontro com a literatura, com o romance proletário dos anos 20, com a literatura soviética da primeira fase e com os escritores americanos que surgiam. [RAILLARD, 1990, p. 56]

Assim, até a publicação de *Cacau*, Jorge Amado alcança um determinado nível de maturidade ideológica, que permite um alinhamento muito maior – e quase explícito – de suas intenções políticas com sua produção literária. Na medida em que se envolve com a militância comunista, o autor assume uma nova postura frente à sua própria produção literária, que passa a servir também enquanto manifesto das condições da realidade que observava. Cabe, assim, pontuar as motivações que levaram o jovem escritor à tentativa de elaborar um romance proletário *brasileiro*, que resultaria na obra publicada no ano seguinte, de caráter

³³ "Grande parte dele escrevi em Ilhéus, em Itabuna, já sob a influência do dito 'romance proletário'." (RAILLARD, 1990, p. 55).

³⁴ "[Cacau e Suor] são dois cadernos de aprendiz de romancista." (RAILLARD, 1990, p. 57).

surpreendentemente diferente da anterior.

"Será um romance proletário?": a elaboração de um projeto político-literário

"Não havia como esperar uma revolução comunista no Brasil naqueles dias. Aconteceu, no entanto, na literatura de Jorge." [AGUIAR, 2018, p. 66]

O intuito do jovem escritor, recém organizado no Partido Comunista, em produzir uma literatura que cumprisse com a árdua tarefa de representar a realidade, não foi uma experiência *sui generis*. Acompanhado de toda uma geração que se comprometeu com um fazer literário engajado e atento às particularidades regionais do capitalismo brasileiro, Jorge Amado integrou uma corrente literária, da qual se tornaria um dos maiores nomes. Inaugurou em 1933, com a publicação de *Cacau*, um *ciclo* de romances em sua obra, que apresentou a temática do cacau de maneira jamais antes feita, inteiramente ligada ao universo do trabalho. Polêmico desde seu lançamento, o livro teve, ainda, a sua primeira edição recolhida pelo governo Vargas, sobretudo em decorrência do uso abusivo de palavrões - resultante da permanente tentativa do autor em elaborar uma escrita que se aproximasse da fala do povo. O romance chamava atenção pela temática, mais ainda por sua escolha estética, anunciada pelo próprio autor já em nota prévia, ainda que em tom interrogativo.

Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário? [AMADO, 1975, p. 101]

Embora tenha sido frequentemente interpretado como mero desleixo formal, o "mínimo de literatura", que o autor anuncia, evidencia a contestação ao modelo ficcional e a estética clássica de romance, que já se observava em *O País do Carnaval*, manifesto, acima de tudo, em sua escolha de incorporar a linguagem popular na narrativa. Essencialmente, expressa o ideal de público para quem passa a buscar escrever, pretendendo ultrapassar a elite intelectual, em um movimento de *ida ao povo* brasileiro – que seria, essencialmente, um povo negro e trabalhador (ROSSI, 2009, p. 48). Em um "misto de sinceridade e ingenuidade" (DUARTE, 1996, p. 48), Jorge Amado propõe uma narrativa que, na medida em que busca afastar-se da *literatura*, tende a aproximar-se do caráter de *documento*, pretendendo servir como fotografia da realidade (ROSSI, 2009, p. 30).

A promessa de uma escrita com "um máximo de honestidade", ainda que contradiga a

própria intenção ficcional fundamental da literatura, revela um processo de resignificação pela qual passou o modelo do *romance* durante a década de 20 no mundo e, especialmente durante os anos 30, no Brasil. A nova maneira de conceber o papel do romancista, forjada a partir do sentimento, característico da geração de escritores da década de 30, de "desprezo à literatura" (DUARTE, 1996, p. 48), orientou uma produção cada vez mais próxima das ciências sociais. O sentido de documento seria, ainda, uma das principais propriedades que o próprio autor reivindicava enquanto sendo fundamentais ao *novo romance brasileiro* (ROSSI, 2009, p. 38). Assim, diante do cenário de polarização e de acirramento entre as ideologias de esquerda e direita, Jorge Amado manifestou sua posição política também através da sua escolha estética em elaborar um romance proletário *brasileiro*, comprometido em revelar a realidade dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia.

A convergência entre a estética do romance proletário e a temática regional, já notável nos textos do jovem escritor, se deu na escolha da representação do *mundo do cacau*, sob a ótica da luta de classes. Centrando-se na temática do universo do trabalho nas terras *grapiúnas*, o autor constrói a figura de um narrador-personagem, o Sergipano, que será responsável por relatar seu cotidiano de trabalho nas fazendas de cacau. O foco narrativo, que, na obra anterior, dedicava-se a expor as angústias de um intelectual pequeno-burguês diante de um país miscigenado, agora volta-se à vivência do trabalhador rural que produz, a duras penas, a riqueza do coronel. Assim, a escolha da temática do cacau, torna-se "denominador comum da narrativa, que identifica os personagens como partes homogêneas de um só meio social, seres de uma só extração e de sentido semelhante: o cacau e os hábitos de vida que me torno dele se impuseram aos trabalhadores das fazendas do sul da Bahia" (TATI, 1961, p. 43).

Embora a discussão acerca do *romance proletário* fosse ainda incipiente no Brasil, a escolha pessoal de Jorge Amado em formular um retrato da exploração dos trabalhadores rurais despontou em meio à produção da literatura social de toda uma geração. Em consonância com a produção intelectual e cultural de sua época, Jorge Amado dedica seu romance não somente à denúncia das condições de exploração do trabalho, mas à indicação do caminho revolucionário como única solução possível. Assim, além de expressar uma mudança significativa na elaboração de seu projeto literário, tratou-se também da afirmação de suas escolhas ideológicas. Nesse sentido, a intenção do fazer literário documental, assumida pelo autor, sob influência do realismo soviético, representou uma convergência entre a assimilação de um projeto literário e político. Através de sua interpretação própria do

que deveria ser um romance proletário brasileiro, o autor de *Cacau* elaborou, aos 19 anos, um retrato da realidade das fazendas do sul da Bahia, que terminaria por repercutir muito além das fronteiras nacionais.

José cordeiro, o *Sergipano*: a construção do narrador-proletário

Foram muitas as maneiras que Jorge Amado encontrou de adaptar a estética soviética às condições brasileiras, e, mais ainda, às referentes especificamente à região cacauzeira da Bahia. A intenção em realizar um romance que se aproximasse de um documento expressou-se, essencialmente, na escolha do autor em construir um narrador-personagem, um trabalhador que seria responsável pelo próprio ato de escrever o livro. José Cordeiro, contratado na *Fazenda Fraternidade*, é "escolhido" para narrar sua história e o cotidiano dos demais *alugados* do coronel Manuel Misael de Souza Teles³⁵. Apenas José Cordeiro – ou, no caso, Jorge Amado – poderia, fielmente, descrever uma experiência de fato vivida no *mundo do cacau*. Ocorre, portanto, uma identificação imediata entre o autor e o personagem principal, que garante ao livro um caráter metalinguístico que acentua sua condição de relato pessoal. A construção do autor-*proletário* e do *proletário*-autor (ALMEIDA, 1979, p. 94) se dá na medida em que Jorge Amado assume, em nota prévia, a escrita de um romance proletário, e que o personagem principal, José Cordeiro, revela-se autor do romance-relato, ao final da narrativa. É, inclusive, pela voz do próprio autor-personagem que o jovem escritor critica a *literatura* e garante a *honestidade*, às quais se refere na nota prévia, através do emprego da oralidade e do *vocabulário reduzido* do proletariado rural como recurso linguístico, revelando o desejo de quebrar as barreiras entre o literário e o coloquial.

Esse discurso me deu a ideia de reunir algumas cartas de trabalhadores e rameiras para publicar um dia. Depois, já no Rio de Janeiro, relendo estas cartas, pensei em escrever um livro. Assim nasceu *Cacau*. Não é um livro bonito, de fraseado, sem repetição de palavras. É verdade que eu hoje sou operário, tipógrafo, leio muito, aprendi alguma coisa. Mas assim mesmo, *o meu vocabulário continua reduzido* e os meus camaradas de serviço, também me chamam de Sergipano, apesar de eu me chamar José Cordeiro. [AMADO, 1975, p. 163]

Entretanto, José Cordeiro não era um trabalhador rural qualquer. Além de ser branco e minimamente letrado³⁶, era filho do dono de uma fábrica em Sergipe, ou seja, tinha origem

35 O personagem do coronel - bem como demais personagens da obra - é notoriamente inspirado numa figura conhecida da região cacauzeira, um latifundiário, chamado Manuel Misael da Silva Tavares, considerado, então, o rei do cacau no Brasil (DUARTE, 1996, p. 50-51).

36 "Cordeiro frequentou a escola, conheceu romances. Não chega a ser um intelectual, confessa mesmo sua

pequeno-burguesa. As páginas iniciais do livro – com exceção do primeiro capítulo – revelam o esforço em construir uma identidade proletária na medida em que o autor-personagem explica sua chegada às terras da Bahia de maneira rápida e sucinta, resumindo-se exclusivamente ao seu processo de *proletarização*. Após a morte de seu pai e a perda de todos os bens, ele passa a ter de trabalhar na fábrica, então sob as ordens de seu tio – com o qual vive frequentes atritos que levam à sua breve demissão. Quando se vê obrigado a viver a realidade dos bairros operários de Sergipe, José Cordeiro larga tudo para tentar a vida em Ilhéus, "terra do cacau e do dinheiro" (AMADO, 1975, p. 109). Ele não seria o único.

A realidade que encontra, ao chegar à cidade de Ilhéus – figurada como espaço cheio de possibilidades de enriquecimento fácil –, revela-se bem diferente do que havia imaginado. A grande oferta de força de trabalho, decorrente da migração massiva à região cacauceira e da queda no preço do cacau tornavam os postos de trabalho na cidade quase inexistentes³⁷. Assim, José Cordeiro, que recebe a alcunha de Sergipano, torna-se apenas mais um *alugado* – termo para o qual o autor brevemente chama atenção – de um dos maiores produtores da região, o coronel Manuel Misael, em um movimento simbólico de coroamento do processo de proletarização do narrador-personagem.

– Está você *alugado* do Coronel.
Estranhei o termo:
– A gente aluga máquina, burro, tudo, mas gente não.
– Pois nessas terras do Sul, gente também se aluga.
O termo me humilhava. Alugado...Eu estava reduzido a muito menos que homem... [AMADO, 1975, p. 113]

O primeiro capítulo, por sua vez, situa-se no cenário principal do romance e dispensa, inclusive, a apresentação formal do narrador, tratando-se essencialmente da reprodução espontânea de um diálogo entre os trabalhadores da *Fazenda Fraternidade*, no qual atua quase enquanto observador. Mais ainda, persiste, neste primeiro momento, a segunda pessoa do plural, *nós*, conforme o autor-personagem surge como parte de um corpo coletivo, a classe explorada dos trabalhadores rurais. Assim, embora a trajetória de José Cordeiro, em sua posição de autor-narrador, seja substancial para o desenvolvimento da narrativa, Jorge Amado expressa de antemão o movimento de primazia do coletivo sobre o individual, que irá

ignorância quanto ao socialismo e a luta de classes. Mas algo fundamental o distingue dos demais trabalhadores, à exceção de Colodino: o domínio da palavra escrita. Esse fato remete a compreensão autoral a respeito da linguagem como instrumento de poder. Ser alfabetizado dá ao personagem o poder não só de narrar e refletir sobre o narrado, mas, sobretudo, de *ensinar e conduzir* seus companheiros, dentro - e fora - do texto." (DUARTE, 1996, p. 52).

37 "O cacau nesse ano começara a cair e não estava muito fácil arranjar trabalho.(...) Os coronéis recusavam. A safra ainda não começara e havia fartura de trabalhadores." (AMADO, 1975, p. 110).

prevalecer por todo o decorrer da obra. Na medida em que se torna somente mais um *alugado* na fazenda do coronel Mané Frajelo³⁸, a figura de Sergipano, ainda que em sua condição de narrador em primeira pessoa, torna-se representação da trajetória de um personagem coletivo, que caminha em direção à consciência e emancipação de classe (ROSSI, 2009, p. 71-73).

A proletarização do personagem coletivo: o papel da consciência de classe no romance

Dentre os aspectos fundamentais que marcaram a interpretação de Jorge Amado do modelo de romance proletário, a esperança na revolução socialista e na construção de um novo mundo consistiu em um dos eixos centrais que orientam a narrativa de *Cacau*. Embora tenha sido frequentemente reduzida a mera propaganda partidária ou encomenda do Comitê Central do Partido, a escolha temática do autor em retratar a realidade das fazendas e a consequente luta política dos trabalhadores rurais expressava a afirmação, no campo literário, de uma compreensão própria: de que a literatura pudesse ir além da função de mera denúncia e manifesto das condições reais, servindo, de fato, como instrumento de intervenção na realidade. Assim, não se restringiu simplesmente à representação da "vida dos trabalhadores nas fazendas de cacau do sul da Bahia", mas escolheu indicar, através da narrativa da experiência de Sergipano na *Fazenda Fraternidade*, um caminho revolucionário para o universo real de exploração que denunciava.

A partir do momento em que se torna *alugado*, a trajetória do personagem principal passa a confundir-se com a narrativa coletiva dos demais trabalhadores que dividem o cotidiano da fazenda, sob os mandos do coronel. Cumprindo o *sentido proletário* do romance, o narrador serve quase como catalisador das histórias das demais figuras que constituem o *universo do cacau*. Assim, Jorge Amado constrói os personagens em rápidas "pinceladas", de maneira a construir uma única massa popular – composta por figuras arquetípicas –, circunscrita a um único universo temático. A apresentação rápida da trajetória das figuras, especialmente trabalhadores, que aparecem no decorrer da narrativa, de maneira a justificar seu processo de proletarização, age de modo a construir uma identidade do personagem coletivo que se constitui conforme passam os primeiros meses de José Cordeiro na *Fazenda Fraternidade* (DUARTE, 1996, p. 61; ROSSI, 2009, p. 73).

Da mesma maneira, a figuração dos personagens que são apresentados pelo autor-personagem como pessoas ricas e abastadas dá-se de maneira correspondente, de forma a criar

³⁸ Apelido jocoso dado ao Coronel Manuel Misaél, pelo conjunto dos trabalhadores da Fazenda Fraternidade.

uma assimilação que permita delinear, sob uma perspectiva dicotômica, uma outra classe que explora e que deve ser, portanto, inimiga³⁹. Nesse sentido, constrói-se a figura do coronel, personificado por Manuel Misael, também de maneira grotesca, ressaltando seu egoísmo e perversidade enquanto característica de classe. A exposição do tratamento brutal de Mané Frajelo para com seus *alugados* revela uma crítica pungente não só ao sistema coronelista e aos resquícios da República Velha, mas à brutalidade da exploração do trabalho – aspecto de convergência entre a realidade do camponês nas fazendas de cacau e do operariado nos centros urbanos. A elaboração, por parte do autor, das figuras interpretadas enquanto *inimigos de classe*, estaria, entretanto, ofuscada diante da potencialidade da organização da classe trabalhadora.

De volta ao primeiro capítulo do livro, o autor situa o cenário central do romance através de um denso diálogo entre *alugados* do coronel Misael, no qual "o camponês faz as contas e reflete sobre os lucros do patrão" (DUARTE, 1996, p. 50). Já assumindo sua condição pertencente ao coletivo de trabalhadores da fazenda, o narrador aponta para uma percepção constante diante da discrepância da vida luxuosa do coronel e da miséria dos trabalhadores. Revelando a condição de semiescravidão por dívida⁴⁰ da maioria dos trabalhadores, o narrador apresenta, de relance, algumas das figuras-chave da narrativa, como os companheiros Honório, Colodino e João Grilo. A contradição entre a condição do coronel e dos *alugados*, ou seja, entre capital-trabalho, será posta em evidência durante todo o decorrer da trajetória de Sergipano, inclusive na conformação dos espaços do cenário da fazenda, que obedecem igualmente à estratificação social (DUARTE, 1996, p. 53-54).

Ficaram olhando. Como era grande a casa do coronel... E morava tão pouca gente ali. O coronel, a mulher, a filha e o filho, estudante, que nas férias aparecia elegante, estúpido, tratando os trabalhadores como escravos. E olharam as suas casas, as casas onde dormiam. Estendiam-se pela estrada. Umhas vinte casas de barro, cobertas de palha, alagadas pela chuva... [AMADO, 1975, p. 103]

Os eventos e casos narrados por José Cordeiro, em sua maioria encenados por personagens que têm suas histórias interligadas na trajetória comum da *proletarização* – ou que se constituem enquanto antagonistas de classe –, revelam a identificação, por parte do narrador, diante do proletariado. O processo de *proletarização* vivido por Sergipano, que culmina no seu contrato com o coronel, assume um novo estágio, na medida em que passa a

39 Nesse sentido, nota-se a assimilação entre as figuras do coronel e do tio. "Como se parecia com o meu tio, o Coronel!"; "Cultivava, como meu tio, uma barriga redonda, símbolo de sua fartura e de sua riqueza" (AMADO, 1975, p. 113; 142).

40 "Você vai trabalhar na roça até pagar. (...) - Eu não sou escravo. - Dê seu jeito." (AMADO, 1975, p. 135).

entender-se, subjetivamente, como pertencente à classe trabalhadora. Mais ainda, na medida em que o conjunto de trabalhadores da *Fazenda Fraternidade* passa a reconhecer Sergipano não só enquanto *proletário*, mas agora cada vez mais em sua figura de *intelectual-proletário* (ALMEIDA, 1979, p. 96), distinguindo-se enquanto referência política aos demais companheiros. Assim, os vínculos que estabelece o autor-personagem com as figuras que cruzaram seu caminho na fazenda do coronel Manuel Misael revelam, através dos acontecimentos narrados, uma tomada de consciência política. Inicialmente, quando o narrador-personagem torna-se *alugado* e encara o real cenário do trabalho forçado das fazendas cacauzeiras; e posteriormente, no decorrer da narrativa, conforme vai tornando-se uma liderança política, em um movimento pedagógico (ROSSI, 2009, p. 71), característico do romance proletário.

Nesse sentido, a relação que o narrador estabelece com três companheiros de labuta, Honório, Colodino e João Grilo, faz-se notável no processo de identificação coletiva enquanto *classe*. É instruído a trabalhar com Honório e, em pouco tempo, tornam-se "bons camaradas naquelas sombras carinhosas dos cacauais". *Grapiúna* de origem, era analfabeto e nascera "nos bons tempos das fortunas rápidas e dos assassinatos por qualquer coisa". Usava, naqueles tempos, suas "mãos de assassino" às custas das disputas sangrentas do coronel (AMADO, 1975, p. 120). João Grilo, assim como Honório e os demais, era analfabeto, mas mantinha sua imagem culta por ser "um mulato magro que sabia anedotas" (AMADO, 1975, p. 120). Diferente de todos os outros *alugados* da fazenda, Colodino era, junto com José Cordeiro, exceção à regra, "sabia ler e escrever, tocava viola e fala certo, parecia-nos um mestre" (AMADO, 1975, p. 151). Noivo de Magnólia, uma das mulheres "alugadas da fazenda para a juntagem do cacau" (AMADO, 1975, p. 121), Colodino causava inveja aos companheiros, que viviam frequentando, sempre que possível, os prostíbulos dos municípios vizinhos. Desde a chegada de Sergipano à *Fazenda Fraternidade*, os três companheiros acompanharam o amadurecimento da consciência, partindo já da convergência em torno do ódio de classe, voltado a Mané Frajelo, sentimento compartilhado por todos os *alugados* do coronel.

Ninguém reclamava. Tudo estava certo. A gente vivia quase fora do mundo e a nossa miséria não interessava a ninguém. A gente ia vivendo por viver. Só muito de longe surgia a idéia de que um dia aquilo podia mudar. Como não sabíamos. Nós todos não poderíamos chegar fazendeiros. Em mil, um enriquecia. (...) Como havíamos pois de sair daquela situação de miséria? Pensávamos isso as vezes. Colodino principalmente. Honório afirmava:

– Um dia eu mato esses coronéis todos e a gente divide isso.

Nós ríamos. E não sei por que a riqueza não nos tentava muito. Nós queríamos um pouco mais de conforto para a nossa grande miséria. Mais animais do que homens, tínhamos um vocabulário reduzidíssimo onde os

palavrões imperavam. Eu, naquele tempo, como os outros trabalhadores, nada sabia das lutas de classe. Mas adivinhávamos qualquer coisa. [AMADO, 1975, p. 121-122]

Já alguns meses depois da chegada de Sergipano na *Fazenda Fraternidade*, em decorrência das comemorações de São João, o coronel vai à fazenda em companhia de toda a família. É quando o narrador conhece Mária, a filha de Mané Frajelo, que logo de cara demonstra-se interessada pelo trabalhador recém chegado de Sergipe. Impressionada com o fato de ser branco e com sua condição mínima de letramento, a moça pede ao pai que escolhesse José Cordeiro para servi-la pessoalmente durante sua estadia na fazenda. A forma que Mária encontra para se aproximar de Cordeiro é, no entanto, provocando-o e desprezando-o, de maneira a afirmar-se mais ainda em sua condição de classe, causando o efeito contrário à Sergipano, que passa a sentir um "ódio inútil pela filha do patrão" (AMADO, 1975, p. 146). Cada vez mais envolvido com a filha do coronel, as arrogâncias e provocações tornam-se persistentes, até que o personagem principal passa a defender-se das grosserias de Mária, chamando a atenção dos demais trabalhadores da fazenda. As tentativas desesperadas de humilhação e as frequentes conversas provocativas, vão fortalecendo sua consciência – e seu ódio – de classe, embora não fosse ainda instruído, de fato, na teoria política que mais tarde iria nortear sua decisão de abandonar a vida de *alugado*.

Eu contei-lhe a minha história, que ela ouviu silenciosa. Concluí:

– Como vê, senhorita, sou igual a todos eles. Nós somos uma laia à parte. Eu vim de gente boa. Hoje, porém, sou inteiramente deles e estou contente com isso. (...) Não vale a pena ser rico. E quem sabe se um dia isso mudará...

– Você é socialista?

– Não conheço essa palavra. (...)

– Você pensa como Algemiro, em enriquecer?

– Não.

– Por quê?

– Porque não sei explorar trabalhadores. [AMADO, 1975, p. 150]

Caminhando ao desfecho da narrativa, um episódio envolvendo o narrador e dois de seus colegas e o filho do patrão muda os rumos da trajetória na *Fazenda Fraternidade*. Quem se envolve com Osório, no entanto, não é Sergipano, mas seu amigo Colodino. Ao encontrar o filho do coronel com sua noiva, Magnólia, Colodino perde o controle e rasga seu rosto com um facão. Em uma situação sem saída, assombrado pela vingança do coronel – que ordena Honório que matasse seu companheiro –, Colodino foge da fazenda para o Rio de Janeiro, de onde não muito tempo depois, Sergipano recebe uma carta, que havia sido promessa do amigo em sua partida. O episódio marca uma afirmação da trajetória dos dois personagens de

afirmação da consciência de classe adquirida ao longo da trajetória da narrativa. Além da revolta de Colodino, motivada pelo ódio de classe voltado ao filho do patrão, a decisão de Honório revela, simbolicamente, o resultado de um processo coletivo, figurado na passagem de Sergipano na *Fazenda Fraternidade*, de conscientização de sua condição proletária, e mais do que tudo, da potencialidade revolucionária.

- Tão cachorros porque não comi Colodino no chumbo. (...)
- Por que você não matou Colodino? Por que queria bem a ele?
- Eu gostava de Colodino... Mas eu não queimei o bruto porque ele era alugado como a gente. Matá coroné é bom, mas trabaiaidô não mato. Não sou traidô...

Só muito tempo depois soube que o gesto de Honório não se chamava generosidade. Tinha um nome muito mais bonito: consciência de classe. [AMADO, 1975, p. 162]

A partida de Colodino não contém a energia revolucionária dos trabalhadores da Fazenda Fraternidade, pelo contrário. Não muito tempo depois, é deflagrada uma greve, em decorrência de uma diminuição dos salários dos *alugados* – que já beiravam a quantia de uma esmola –, liderada por Sergipano. Entretanto, a evidente impossibilidade de prosseguir com a greve, dadas as circunstâncias rurais de domínio do poder do coronel, condena o movimento a um breve fracasso. Assim, convencidos de que estariam "vencidos antes de começar a luta", ou melhor, que "nós já nasce vencido", os trabalhadores baixaram a cabeça e "no outro dia voltamos ao trabalho com quinhentos réis a menos" (AMADO, 1975, p. 165). Ainda que o otimismo aparentasse ser o combustível da esperança revolucionária do autor, o episódio da greve demonstra que em sua determinação em representar a realidade das fazendas, não hesitaria em evidenciar, também, as frustrações diante das condições arcaicas do campo brasileiro, que impediam a organização política dos trabalhadores.

No meio tempo em que acontece o episódio de Magnólia e Osório e a consequente fuga de Colodino, o narrador-personagem encara um dilema que o coloca novamente frente à contradição entre a posição privilegiada do coronel, em detrimento da condição de exploração permanente do trabalhador. Ainda mais envolvido com a filha do patrão, o autor-personagem, que antes questionava-se se "o amor teria sido feito somente para os ricos" (AMADO, 1975, p. 133-134), passa a buscar formas de conciliar o envolvimento com Mária e o compromisso com Colodino. Afirmava para si, o que teria que afirmar, pouco tempo depois, à própria filha do patrão. Quase como um teste final, defronta-se com a tomada de uma decisão, que parecia colocar em jogo todo o processo de amadurecimento político desenvolvido em sua experiência na fazenda.

Senti que gostava de Mária e qualquer coisa me dizia que ela não me era indiferente. Mas aquilo lá podia ser... Eu era um trabalhador, simples alugado, com três mil e quinhentos réis por dia, umas calças "porta loja", unhas sujas e mãos calosas. É verdade que Antonieta se enxodou por mim. Porém, Antonieta não passava de uma prostituta de última classe. Mária não. Mária era filha do patrão, do homem mais rico do sul do Estado, o rei do cacau, e o menos que podia aspirar se resumia num deputado com automóveis, palacetes, Rio de Janeiro e viagem aos cabarés da Europa. E o pior é que eu alimentava a esperança que ela viesse ser esposa de um trabalhador. Mesmo porque eu me lembrava de Colodino e não queria enriquecer. Ela se quisesse que viesse ser mulher de *alugado*... [AMADO, 1975, p. 166]

O desfecho da narrativa, seguindo seu sentido de *romance proletário*, se dá na confirmação da decisão do narrador-personagem frente à proposta de casar-se com Mária e tornar-se patrão. O veredito dado pela filha do coronel ilustra, quase que de maneira gritante, a posição de Sergipano de cumprir com sua trajetória de *herói romântico proletário* diante da possibilidade de retornar às suas origens patronais e abandonar sua condição de *proletário*. Efetivando seu propósito literário na narrativa, o personagem principal de *Cacau* toma a decisão final, que valida, sob o olhar do autor-*proletário*, toda a trajetória através da qual o personagem principal transforma-se no *intelectual-proletário* que, supostamente – e metalinguisticamente –, seria o próprio escritor do livro. E assim decidiu Sergipano, provando o que antes já anunciara⁴¹.

E agora? - ela perguntava de novo.
 – Eu sou alugado. Ganho três mil réis por dia.
 – Deixe disso.
 Mostrou-se mulher forte:
 – Faremos o irremediável. Papai subirá às nuvens mas não tem jeito. Se conformará. Lhe dará uma roça, você será patrão. (...)
 Me decidi:
 – Não, Mária. Continuo trabalhador. Se você quiser ser mulher de alugado...
 Fez um muxoxo e levantou-se. Eu fiquei sentado.
 Pura coincidência, naquele dia chegou uma outra carta de Colodino para mim. Tornava a falar em luta de classe e me chamava. Acertei minhas contas com João Vermelho, retirei cento e oitenta mil-réis, saldo de dois anos e arrumei minha trouxa. [AMADO, 1975, p. 168-169]

A chegada da prometida carta de Colodino, que convidava para juntar-se a ele no Rio de Janeiro, onde "se aprende muito" fora muito oportuna. Na carta que o autor-personagem anexa ao final do romance – ressaltando seu caráter documental –, o companheiro afirma que na cidade havia respostas para o que eles antes se perguntavam, quando juntos na fazenda. Então pergunta ao amigo: "Você já ouviu falar de luta de classe?". Na mesma linha, ele próprio responde e encerra: "Pois há luta de classe. As classes são os coronéis e os

41 "Eu não quero ser patrão." (AMADO, 1975, p. 151).

trabalhadores. Venha que fica sabendo tudo. E um dia a gente pode voltar e ensinar para os outros. Colodino." (AMADO, 1975, p. 164). Assim, convém como respaldo da decisão do autor-personagem em afirmar-se enquanto narrador *proletário*. Mais ainda, finaliza com um chamado que indica para o cumprimento da atribuição do *romancista proletário*, um movimento pedagógico de *ensinar e conduzir* seus companheiros à consciência de classe e à revolta, dentro – e fora – do texto (DUARTE, 1996, p. 52). A construção de Sergipano enquanto *proletário*, resulta na figuração de um *operário de vanguarda* (ALMEIDA, 1979, p. 95), na medida em que encontra no cenário urbano a única possibilidade de organizar a luta política, deixando, assim, a *Fazenda Fraternidade*, ao encontro de seu companheiro Colodino, no Rio de Janeiro. Assim, conclui:

O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano e grande mataria o amor mesquinho pela filha do patrão. Eu pensava assim e com razão. [AMADO, 1975, p. 169]

Considerações finais

A decisão final, que leva José Cordeiro a abandonar a Fazenda Fraternidade, cenário que se dedicou detidamente a retratar, não exime, entretanto, o *proletário*-autor de seu vínculo com as terras do cacau e com sua experiência ali vivida. Pelo contrário, dialoga como condição de desfecho da trajetória de proletarização e politização de Sergipano, que adquire plenamente, ao final da narrativa, a consciência de que não só pertence à classe trabalhadora, como a ela deve sua disposição revolucionária, ou seja, a própria energia vital do personagem. Nesse sentido, a conclusão de Sergipano extrapola as páginas do romance, na medida em que testemunha, também, uma afirmação, da parte de Jorge Amado, de sua condição de autor-*proletário*. Dessa forma, o desfecho da narrativa é, também, a finalização da proposta do jovem escritor de elaborar um romance proletário brasileiro, rompendo com sua própria concepção literária anterior à publicação da obra.

Seria *Cacau*, portanto, um romance proletário? Não caberia aqui dizer. Ainda assim, na medida em que, mais uma vez, confundem-se, personagem e escritor, Jorge Amado revela, ao dar vida – e consciência política – ao narrador Sergipano, o sentido que irá conduzir as obras que seguirem a publicação do romance. Para sempre entranhado no *universo do cacau*, Jorge Amado trilhará o caminho que iria eternizá-lo como o narrador de histórias vivas, mas também como grande militante comunista. O que permanece, a partir do lançamento do livro será uma condição explícita de alinhamento entre seu projeto político e literário, afirmado

pelo intento em formular um romance proletário brasileiro. Portanto, tendo cumprido à risca, ou não, o modelo de sua escolha estética, Jorge Amado marcou, a partir de *Cacau*, o esforço de uma geração em empenhar um uso politizado da literatura, servindo enquanto instrumento de interpretação, representação e intervenção na realidade.

No que diz respeito à sua própria produção literária, a publicação da obra, em 1933, marca o início de uma aproximação maior com o que se conhece enquanto o grande autor *grapiúna* e empenhado militante, que continuaria trilhando uma trajetória de polêmicas e sucessos. Cada vez mais distante do adolescente *rebelde* e do escritor imparcial de *O País do Carnaval*, ainda *em busca de uma causa*, o Jorge Amado que escreve *Cacau*, mostra que não só teria encontrado uma causa, mas que essa o acompanharia durante muitos anos de sua vida – e, por resultado, de sua obra. Assim, a intenção do fazer literário documental, traduzido na elaboração do que seria um romance proletário brasileiro, revela uma convergência entre a assimilação de um projeto literário e, ao mesmo tempo, político. O empenho em realizar uma literatura que partisse da realidade, para, então, nela poder interferir, tornar-se-ia o aspecto fundamental da obra de Jorge Amado, eternizado "romancista-poeta do povo, épico de suas dores, anunciador de suas esperanças" (TATI, 1961, p. 40).

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **O País do Carnaval; Cacao; Suor**. São Paulo: Martins, 1975.
- _____. **O Menino Grapiúna**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.
- _____. **Terras do Sem Fim**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.
- _____. **Navegação de cabotagem**: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- AGUIAR, Josélia. **Jorge Amado**: Uma biografia. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2018.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Jorge Amado: política e literatura** – um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- BELIAKOVA, Elana. **Jorge Amado e a literatura brasileira na Rússia**. Amerika, Rio de Janeiro, (Online) jun. 2014. DOI <https://doi.org/10.4000/amerika.4546>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/amerika/4546>. Acesso em: 19 set. 2020.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- _____. Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária. In: . **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- COSTA, Francisco Mendes; SOARES, Naisy Silva. “Cacao, riqueza de pobres”. In: COSTA, Francisco Mendes; SOARES, Naisy Silva (org.). **Cacao, riqueza de pobres**. Ilhéus, BA: EDITUS, 2016. cap. 1, p.19-45.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Natal: Record; UFRN/EDUFRN, 1996.
- FILHO, Adonias. **Sul da Bahia**: chão de cacao (uma civilização regional). 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **O Brasil Best Seller de Jorge Amado**: Literatura e identidade nacional. 1. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.
- HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Trad. Maria Celia Paoli, Anna Maria Quirino. 4a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- LUKÁCS, Georg. **Marxismo e Teoria da Literatura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Trad. Annie Dymetman. Rio de

Janeiro: Record, 1990.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30**. 1. ed. São Paulo: Annablume; Fapesp; Unicamp, 2009.

_____. **Academia dos Rebeldes e o modernismo literário na Bahia, nos anos 1920**. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara, 2007. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-066/1213>. Acesso em: 18 set. 2020.

SANTOS, João Paulo Ferreira dos. **Jorge Amado e o romance histórico do cacau**. 2017. 171 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23021>. Acesso em: 15 set. 2020.

SEIXAS, Cid. **Modernismo e diversidade: impasses e confrontos de uma vertente regional**. Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p.52-61. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/1970>. Acesso em: 06 out. 2020.

SOUSA, Antônio Pereira. **Tensões do tempo: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado**. Ilhéus, BA: Editus, 2001.

TÁTI, Miécio. **Jorge Amado: vida e obra**. Belo Horizonte: Editôra Itatiaia Limitada, 1961.

VIEIRA, Denise Adélia; SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. **Jorge Amado e o romance proletário**. Todas as Musas: Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte: Dossiê Jorge Amado, São Paulo, ano 04, n. 01, p.45-54, jul-dez 2012. Disponível em: https://www.todasasmusas.com.br/07Denise_Terezinha.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.